

COLETIVO
ERRA
TICA





RAMAL SIO

SOBRE A MIGRAÇÃO DAS SARDINHAS
OU PORQUE AS PESSOAS SIMPLEMENTE VÃO EMBORA

Por Francisco Gick

Este texto é resultado do processo colaborativo de pesquisa e criação cênica conduzido pelo Coletivo Errática dentro do projeto “Ramal Montenegro-Islamabad: trajetórias erráticas e não-lugares” realizado em 2014-2015 com financiamento do Fundo de Apoio à Cultura do Rio Grande do Sul (FAC-RS).

Trabalho licenciado com **Creative Commons – Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional**.

somos o vento
somos as
coisas estranhas
que viajam no vento
pequenas sementes
poeira
água
pele
pássaros
insetos sem escolha senão voar
e cabelos
e sal do deserto
e tudo mais em movimento
somos as pequenas
insignificantes
partes da vida
em movimento desenfreado
o átomo
e as coisas dentro do átomo
e as coisas
dentro das
coisas dentro do átomo
e o nada no fim
a impossibilidade de nós mesmos
e deus
o vazio divino da criação
somos o vento
no estômago das borboletas
dentro do estômago de alguém
quando algo está para acontecer
e antecipação
a sensação de que
algo vai acontecer
agora
e agora
e agora
como o céu
logo antes
da tempestade.

ÍNDICE

Prólogo	1
Gare	2
Tempestade 1	2
Adhan 1	3
Assassinato 1	3
Sakina 1	3
Péssima Ideia	3
Nota de Falecimento	3
Ofensas	4
O Sequestro de sakina	8
Valquírias	9
Perguntas	10
15000km	12
Assassinato 2	12
SaKINA 2	12
A Promessa de Sirajuddin	13
Banho da Mulher de Burca	14
1ª Iteração	14
Trâmites	16
Mortalha para Ulisses 1	17
Cães	18
2ª Iteração	20
Tempestade	22
Mortalha para Ulisses 2	22
Foto famosa	23
Cheiro	23

Carlos?	25
Parábase	27
Cicatrizes	28
Adhan	29
Cheiro 2	29
Último vagão	33
Antipenélope	34
O Funeral de Sirajuddin	35

APRESENTAÇÃO

GUEGA — Eu vou fazer a Penélope, que é casada com Ulisses, hoje ela vai ser abandonada por ele.

GUSTAVO — Sirajudin caminha sem parar atrás de sua filha que perdeu em um campo de refugiados em Mugalpura.

DIOGO — Raphaela recebeu uma carta de um homem que a ama.

MANI — O Professor foge atormentado por uma imagem de 20 anos atrás.

NINA — Eu faço a Mulher Insone, ela não dorme por causa de um sonho.

CHICO — O Ulisses hoje vai embora de casa.

MANI — E eu faço o Fotógrafo de Guerra, queridos.

ULISSES — Eu ainda não entendi porque.

PENÉLOPE — Eu queria ser moderna, sabe?

GUSTAVO — Sam vai receber uma ligação que mudará sua vida.

PENÉLOPE — Mas eu sou romântica, isso é um saco!

RAPHAELA — Eu vou viajar o mundo inteiro atrás desse amor.

NINA — E eu também faço a Mãe, o que ela mais preza são as memórias.

GUEGA — Tem um momento em que eu faço um Soldado.

CHICO — Eu também faço um Soldado.

MANI — Eu faço o Filho, filho dela.

DIOGO — Eu também faço um Soldado.

NINA — E eu também faço um soldado.

RAPHAELA — Eu já recebi todo tipo de presente, um balão de gás, um martelo...

GUSTAVO — Eu também faço um Soldado, mas agora vou fazer um Vigia de Estação de Trem.

MANI — Eu também faço um Soldado.

ULISSES — Eu vou pegar um taxi e voar para o aeroporto...

PENÉLOPE — Eu vou tomar uma taça de vinho...

FILHO — Mãe, eu tava com saudade.

MÃE — Mesmo que eu já não lembre de nada.

ULISSES — E vou entrar num avião, voar até o outro lado do mundo, e cair.

PRÓLOGO

VIGIA DE ESTAÇÃO — Vocês não vão acreditar, eu acabo de sonhar uma coisa completamente absurda. Imagine uma curva na estrada de ferro, bem aí onde está. Você sobre o trilho. Você não vai morrer, o trem não vai passar sobre você. Também, você não é nenhum suicida, aliás, eu duvido que alguém possa se matar colocando a cabeça no trilho, eu acho que a pessoa desiste, sente a vibração, o barulho aumenta, ouve a buzina, aí desiste, mas a questão não é essa. Imagine essa curva, bem aí. Você ouve o trem vindo da direita para a esquerda. Ouve por um longo tempo, e então vê o trem vindo. E vai ver o trem vindo por um longo tempo até que ele passe por você e então vai ser um trem indo. E você vai olhar longamente essa ida, depois vai só ouvir e depois nada, será só você, parado na curva da ferrovia, se perguntando sobre o destino: Islamabad...

1
GARE

UMA ATRIZ — Tem alguma coisa antes, mas isso é o começo... Plataforma de uma estação de trem, pessoas esperam, passam, vão, voltam, encontram-se. Ninguém fica muito tempo, nada se fixa, as coisas simplesmente passam umas pelas outras e acontecem pequenos choques, faíscas, como um caldo primordial esperando a eletricidade de um raio pra gerar a vida no mundo ou dois prótons viajando à velocidade da luz no acelerador de partículas dentro da maior máquina do mundo, um na direção do outro, então colidem e ali, no que sobra, coisas ainda menores do que as coisas impensavelmente pequenas que havia antes, talvez ali exista uma explicação para coisas como o fato de um cardume de sardinhas viajando pelo atlântico saber sempre o caminho e todos os peixes do cardume mudarem de direção sempre ao mesmo tempo e nunca confundirem, por exemplo, direita e esquerda, ou coisas como a vida, o movimento das estrelas, o preço da passagem e porque as pessoas simplesmente vão embora da sua vida e deixam pra trás um vazio que você tenta preencher com outras coisas como o álcool, mas você não vai em frente porque tem medo de que isso se torne um hábito e de ficar preso. Ninguém escolhe ser um viciado, AS PESSOAS SÃO FRÁGEIS.

ITINERÁRIO 1
GARE

Mind the gap between the train and the station.
Atenção ao vão entre o trem e a estação.
Mind the gap.
Atenção.

2
TEMPESTADE 1

Um homem entra nervoso, tem nas mãos uma pasta cheia de papéis que remexe sem parar, como se procurasse algo, mas sem realmente prestar atenção. Um vento forte, aliás, uma rajada de vento forte faz voarem os papéis da pasta que caem espalhados pelo espaço todo. O homem se chama Sam, ele perdeu o pai.

3
ADHAN 1

Ao mesmo tempo, entoando uma oração em árabe, um religioso convoca os fieis para a primeira oração do dia.

4
ASSASSINATO 1

Ainda, paralelamente, uma mulher de burca corre pelo espaço como se a estivessem perseguindo. Ouve-se o estampido, ela cai morta.

5
SAKINA 1

Ao mesmo tempo, atormentado, um homem, com um cartaz, oferece uma estranha informação geográfica.

6
PÉSSIMA IDEIA

MULHER INSONE — Péssima ideia. Péssima ideia. Você aqui sozinha na sua cozinha escura, iluminada só pela luz da geladeira, há dez minutos, parada. De pijama. Congelada... Como se a cozinha toda congelasse, como se você houvesse dentro da sua geladeira algo estarecedor entre os potes de sorvete cheios de restos de comida que você nunca vai comer e estão simplesmente esperando pelo momento em que você vai jogar tudo fora sem nem ver o que tem dentro por causa do cheiro, algo estarecedor como uma cabeça de homem, ali, olhando pra você, na prateleira de cima... Olhando pra você e falando com você. Esse comportamento, que seria completamente assustador pra qualquer pessoa que visse você fazendo... É... Estranho, você é uma pessoa estranha.

7
NOTA DE FALECIMENTO

SAM — Alô. Ok, obrigado, tchau.

SAM — É o meu pai que acaba de morrer. O hospital colocou ele num

trem de volta pra cá. Agora eu preciso ir e buscar ele na estação.

8
OFENSAS

ULISSES — De madrugada, num desses programas sobre lugares do mundo que você não sabe que existem, tinha um homem jovem que parecia ter 100 anos, ele andava, ininterruptamente, por, não sei, uns 30 anos. Ele era o pai de alguém, de uma menina chamada Sakina. Isso... Isso mexeu comigo de tal forma, ele parecia tão... Velho. Isso me atingiu, sabe? Desculpa, mas eu tenho que ir.

PENÉLOPE — Já vai?

ULISSES — Sim.

PENÉLOPE — E pra onde?

ULISSES — Ainda não sei.

PENÉLOPE — Você vai como?

ULISSES — Não sei.

ULISSES — Eu tenho que ir.

PENÉLOPE — Por que você diz sempre essas coisas nessas horas?

ULISSES — Porque é verdade.

PENÉLOPE — Ok, então nós vamos começar a dizer verdades um pro outro?

ULISSES — Acho que sim.

PENÉLOPE — Que bom, que honesto!

ULISSES — Isso.

PENÉLOPE — Ok, começa.

PENÉLOPE — Eu não gosto dessa sua barba.

ULISSES — Acabou?

PENÉLOPE — Tem uns fios brancos, grandes, enormes.

ULISSES — Você engordou.

PENÉLOPE — Você parece um mendigo.

ULISSES — Está enorme.

PENÉLOPE — E você era tão bonito... Agora tá assim.

ULISSES — Você fala demais.

PENÉLOPE — Por que você demora tanto no banho?

ULISSES — E você fala errado.

PENÉLOPE — O que você faz ali dentro que eu não posso ver?

ULISSES — Não o tempo todo, mas pequenos errinhos.

PENÉLOPE — Ah! A gente sabe, claro...

ULISSES — E você mija no banho.

PENÉLOPE — Você enche demais a boca quando come.

ULISSES — Eu acho que você mija no banho até quando toma banho comigo, e acha que eu não percebo, que eu não sinto o cheiro.

PENÉLOPE — Parece um porco.

ULISSES — Só que eu sinto.

PENÉLOPE — Você se atrasa, pra tudo! E demora! E não ouve.

ULISSES — Porque você fala demais.

PENÉLOPE — Cala a boca.

ULISSES — Você e os seus monólogos intermináveis.

PENÉLOPE — Cala a boca.

ULISSES — E você não para de falar. As pessoas em volta ficam em silêncio, mas é como se elas gritassem, por favor, para, cala a boca, todo mundo já entendeu, ninguém aguenta mais, mas você insiste...

O ATOR QUE TEM FEITO ULISSES — Essa é a cena do café da manhã, o nome é Ofensas, ele está abandonando ela.

ULISSES — como se você fosse viciada em falar e tivessem te mandado pruma porra de uma clínica de reabilitação e você estivesse agora, bem na minha frente, tendo uma crise de abstinência, ou como se você tivesse ficado muda até ontem e agora estivesse aqui querendo tirar o atraso.

Você vai embora. Não por um motivo qualquer e específico. Mas você vai embora. A má notícia é que você não vai voltar. Agora você está aqui, nesse exato lugar geográfico, real, e você está indo, pra longe, talvez o outro lado do mundo. Então você tem que sair daqui, você precisa sair daqui, ir até a rodoviária, pegar um ônibus da Viação Montenegro até Porto Alegre, o que demora pouco mais de uma hora.

ULISSES — Eu vou pegar um táxi pra poder chegar, os taxistas, sabe como eles são, eles voam.

PENÉLOPE — Eu vou sentar nos degraus da escada e te esperar.

ULISSES — Será que existe alguma escola que ensine eles a voar pela estrada e fazer a gente chegar a tempo no aeroporto.

PENÉLOPE — E eu vou te esperar com o jantar na mesa, toda noite, mesmo que você não coma, mesmo que você não venha.

ULISSES — Ou talvez eles peguem outras ruas, ruas específicas para os taxistas passarem em alta velocidade.

PENÉLOPE — Eu vou te dar um gato, mesmo que depois eu fique com ciúme dele por achar que você gosta mais do gato do que de mim.

ULISSES — É provável...

PENÉLOPE — Eu poderia fingir que estou grávida, isso faria você ficar.

ULISSES — Aliás, é muito possível que eu não volte mais.

PENÉLOPE — Eu poderia ter contrações, agora. Chego a sentir. Aqui! Arghhh!

ULISSES — São os aviões, sabe? Eles caem.

PENÉLOPE — Eu diria que é um menino, ele sempre sonhou em ter um menino.

ULISSES — Caem... E aí você morre.

PENÉLOPE — Eu poderia parar de respirar agora. Isso.

ULISSES — Não, você não pode.

PENÉLOPE — Eu ficaria roxa, cairia dura.

ULISSES — Ninguém consegue ficar sem respirar assim.

PENÉLOPE — Você me pegaria nos braços e me levaria pro hospital e perderia o voo. Aí você teria que ficar.

ULISSES — A gente tem um mecanismo interno que não deixa. Você, em algum momento, vai respirar.

PENÉLOPE — Você não ia me deixar atirada no chão.

ULISSES — Aliás, é por isso que as pessoas morrem afogadas. Porque são enganadas pelo próprio instinto.

PENÉLOPE — Quem é Sakina?

ULISSES — Quem?

PENÉLOPE — Essa pessoa, esse nome, de quem é?

ULISSES — É uma coisa que eu vi na televisão.

ULISSES — Eu não estou te largando, não é isso.

PENÉLOPE — Eu também poderia fingir orgasmos, duplos, triplos.

ULISSES — Eu não estou frustrado nem nada, não é o casamento também.

PENÉLOPE — Isso faria você se sentir mais viril.

ULISSES — Mas eu preciso, como qualquer pessoa precisa, às vezes, sair.

PENÉLOPE — Ou melhor, eu diria que eu tenho um amante.

ULISSES — A verdade é que eu simplesmente gosto da ideia de sair.

PENÉLOPE — Você teria curiosidade de saber quem ele é.

ULISSES — Eu não tenho nada pra reclamar também, você é ótima, é tudo ótimo, o sexo é ótimo, eu to completamente satisfeito.

PENÉLOPE — Eu diria que ele é alto, forte, moreno.

ULISSES — Eu não quero largar você, não é isso.

PENÉLOPE — Ele é burro, mas isso não me importa.

ULISSES — E também não quero ir pra qualquer lugar, também não.

PENÉLOPE — Com ele eu não iria precisar fingir, porque tudo nele é perfeito.

ULISSES — Também não é a coisa de não voltar.

PENÉLOPE — O pau dele encaixa perfeitamente, ele é lindo, eu sou linda, nós somos lindos juntos. O suor dele me deixa suada.

ULISSES — Não é nada disso.

PENÉLOPE — Cala a boca! Por que você não para de mudar de assunto e me responde de uma vez quem é essa pessoa com quem você sonhou?

ULISSES — Porque eu não sei.

PENÉLOPE — Sabe! Você sabe sim, porque ninguém sonha com uma pessoa que não conhece, quem é essa mulher?

ULISSES — É uma menina. Não uma mulher, uma menina. Eu já disse, eu vi isso na televisão, um homem sozinho no meio do deserto gritando esse nome. Ele andava de um lado pro outro, porque tinha prometido pra filha que nunca iria parar. Ele não parava de andar, entende? Isso me atingiu... Desde aquele dia, eu sonho que eu sou esse homem, que eu sou pai de uma menina que eu perdi e que sou eu sozinho no meio do deserto gritando o nome dela.

PENÉLOPE — Mentiroso...

ULISSES — É verdade. Agora eu vou embora.

PENÉLOPE — Espera, era brincadeira.

ULISSES — Eu gostaria de ter deixado um pequeno envelope em algum lugar e dentro uma carta e na carta eu gostaria de ter escrito que eu vou te amar pra sempre e que você é a coisa mais importante da minha vida. Eu gostaria de poder dizer que no armário do quarto, na porta da direita, estão todos os presentes que eu não te dei nos aniversários, natais, dias das crianças, namorados esses anos todos... Mas não tem nada. Eu, infelizmente, não preparei nenhuma surpresa.

9

O SEQUESTRO DE SAKINA

SIRAJUDDIN — Sakina! Sakina! Alguém viu minha Sakina? Ela é pequenininha, deste tamanhinho e tem uma pequena mancha aqui. Ela estava comigo no trem de Amritsar, pobre criança, ela se agarrava em mim com aquelas mãozinhas bem miúdas e chorava desesperada, Sakina!

10
VALQUÍRIAS

SOLDADO 3 — Onde será que foi?

SOLDADO 1 — Perto.

SOLDADO 2 — É.

SOLDADO 1 — É.

SOLDADO 3 — A gente sente o chão tremer, a gente ouve o barulho. Mas daqui de dentro não dá pra saber de quem era, ou mesmo quem morreu, ou se morreu alguém. As vezes eu acho que eles explodem coisas só pra gente não conseguir dormir...

SOLDADO 2 — Bobagem.

SOLDADO 1 — É. Se eles quisessem deixar a gente acordado eles não gastariam com bombas, isso é caro, sabia? Às vezes a gente acha que elas aparecem, assim, dentro do avião, mas tem gente fazendo elas. Num país que não tem nada a ver com isso, nesse momento, tem um monte de caras socando pólvora dentro dum cano de ferro que, em algum momento, vai cair e explodir na sua cara.

SOLDADO 3 — Engraçado...

SOLDADO 2 — É?

SOLDADO 3 — Eu acho.

SOLDADO 2 — Qual parte? A da bomba caindo na sua cara?

SOLDADO 1 — Talvez ele tenha imaginado a bomba caindo na sua cara.

SOLDADO 3 — Não, eu tava pensando nesse cara aí que monta a bomba, seria engraçado se ele fizesse uma que vai cair aqui e, por exemplo, matar todos nós, mas daí ele bate o ponto, pega o carro, chega em casa, beija a mulher, serve uma bebida e daí cai uma bomba na casa dele e ele morre... Do nada.

SOLDADO 1 — É, seria um pouco engraçado.

SOLDADO 3 — Seria irônico.

SOLDADO 2 — Eles poderiam colocar uma música. Imagina uma música tocando sem parar no seu ouvido, dia e noite, só que de noite mais alto.

SOLDADO 1 — Deveria mesmo ter música. Mas assim, uma trilha sonora, sabe?

SOLDADO 3 — Deveria ser as Valquírias.

SOLDADO 2 — O que?

SOLDADO 3 — Do Wagner.

SOLDADO 1 — Quem?

SOLDADO 2 — Não conheço.

SOLDADO 3 — Imagina você andando pelo campo, afundando suas botas nos corpos sem cara dos seus companheiros e inimigos que formam um tapete vermelho pra você e os outros como você que avançam destemidos ao som da poderosa melodia de Wagner...

Os soldados entoam a poderosa melodia de Wagner.

SOLDADO 3 — Vamos supor que você esteja com a sua arma apontada pra cabeça de um garoto. Ele te olha com dois olhos enormes e pretos, e você, por um instante se sente dentro dos olhos dele, mas você volta a si, pede desculpa, você fala a palavra “desculpa” e então atira. Será que deu tempo?

ITINERÁRIO 3
IRONIA

Perceba aquele homem, você vê os olhos dele? Vê a pele? A cor da pele? A curvatura nas costas? O nariz? Não é sem uma certa ironia que o pai que procura a filha e o homem que perdeu o pai são feitos pelo mesmo ator.

11

PERGUNTAS

SAM — Por favor? Você?... Qual é o problema? É comigo? O que foi que eu fiz? É por que eu estou assim? Eu preciso saber onde fica o vagão das cargas grandes, eu estou esperando uma... Uma encomenda.

ULISSES — Tudo bem?

SAM — Por que? Eu não pareço bem?

ULISSES — Desculpe, eu achei que talvez...

SAM — O que?

ULISSES — Que talvez senhor quisesse conversar com alguém...

SAM — Por que?

ULISSES — Não quer?

SAM — O senhor quer?

ULISSES — Conversar?

SAM — Quer?

ULISSES — Eu só achei que você estava precisando de ajuda. Precisa disso tudo?

SAM — Ah sim! Ajuda! Tudo bem, o senhor quer saber? Pois, o senhor conhece a morte? Já senti o cheiro da morte nas suas narinas? Eu sim, aliás, nesse exato momento, eu sinto o cheiro da morte cada vez mais forte, cada vez mais dentro do meu nariz. Nesse exato momento existe um trem negro da morte se aproximando dessa estação em alta velocidade, e o maquinista é o cadáver do meu pai que morreu essa tarde. Ele vem me encontrar para que eu o enterre. Justo eu.

ULISSES — Tudo bem, eu sinto muito.

SAM — É verdade.

ULISSES — E vamos começar a dizer verdades um pro outro?

SAM — Acho que sim.

ULISSES — Agora?

SAM — É. Pra variar.

ULISSES — Ok. Essa manhã eu sai de casa.

SAM — Câncer.

ULISSES — Provavelmente não vou mais voltar.

SAM — Pâncreas.

ULISSES — Eu ainda não entendi por que.

SAM — Ele vai chegar a qualquer momento. O trem dele vai bater nessa estação e jogar tudo pelos ares.

ULISSES — Espero que eu já tenha ido.

SAM — Eu também, mas não tenho pra onde ir.

ULISSES — As ruas estão alagadas e não há táxis na cidade toda.

SAM — Às vezes, tudo o que você precisa é uma coisa simples e simplesmente impossível de se conseguir...

ULISSES — É...

12

15000KM

PENÉLOPE — Quinze mil quilômetros. É tão longe que lá é outro dia, quero dizer, se aqui, agora, é hoje, lá é amanhã. Isso me intriga. Se aqui é noite de hoje lá é manhã de amanhã. Se você ligar agora pra alguém que está lá, alguém que você gosta e que por algum azar do destino foi viver na porra do outro lado do mundo, se você ligar agora, a pessoa provavelmente vai estar dormindo, porque se aqui são nove da noite, lá são quatro da manhã, você entende? E se estava triste e sem sono e resolveu tomar vinho pra ver se dormia e aí, depois de tomar uma garrafa sozinha e não poder dormir, você resolve que a melhor coisa a fazer é ligar, nesse caso você vai estar ligando bêbada no meio da noite pra alguém, só que pessoa vai te atender bem no meio do horário de trabalho e ficar puto e profundamente constrangido por você estar fazendo isso.

13

ASSASSINATO 2

Novamente, uma mulher vestindo burca corre pelo espaço como se a estivessem perseguindo.

14

SAKINA 2

Um homem, aquele mesmo homem que antes erguia um cartaz com o nome de um lugar que a gente não conhece, surge correndo desesperado; o homem cola um cartaz na parede, o desenho infantil de uma mulher ou de uma menina, ele então se afasta e lança violentamente uma pedra contra o cartaz na parede. Quando a pedra bate na parede, a Mulher de Burca cai, subitamente morta.

A PROMESSA DE SIRAJUDDIN

SIRAJUDDIN — Faz uma semana que saí da minha casa em Amritsar. Nos disseram que teria um trem e que a gente tinha que partir. Eu abandonei minha casa que era uma casa pobre, mas era minha casa, a casa que tinha sido do meu pai antes de ser minha. Eu deixei pra trás, pra eles roubarem e botarem fogo. Uma semana. Eu, a minha Asha e a pequena Sakina. Quando a gente saiu pela porta a rua já tava cheia de gente desesperada. Eu olhei aquele monte de gente e pensei que de jeito nenhum cabia todo mundo no trem, então tratei de apressar Asha. Sakina, pobrezinha, chorava no colo da mãe, que era uma mulher forte, mas não conseguia andar mais rápido com nossa filha no colo, eu então peguei eu mesmo o bebê num braço, a trouxe no ombro, dei a mão a Asha e seguimos depressa. Quanto mais perto dos trilhos do trem, mais a multidão se inquietava e eu não sei bem como a mão de minha mulher se soltou da minha. Eu ouvi meu nome no meio das vozes daquela gente toda e virei pra trás, vi Asha acenando e tentando apressar, eu chamei ela com o braço e gritei pra que ela apressasse. Foi quando atrás da minha mulher, duas quadras rua abaixo, explodiu a primeira bomba. As pessoas enlouqueceram. Eu tentava proteger Sakina e corria em direção a Asha quando caiu a segunda bomba perto de nós. Não se via mais nada, não se ouvia mais nada. O bebê chorava sem parar, as pessoas em volta corriam e gritavam, eu gritava por minha mulher. Eu fiquei ali, parado, olhando para a poeira. Então vi o lenço amarelo da mãe de Sakina, manchado de sangue. Corri até ela e gritei por ajuda, desesperado, mas ela pegou minha mão e me pediu calma, disse que estava tudo bem e disse “Não se preocupe comigo - corra, leve Sakina para longe daqui...”. E eu fiz isso, corri com nossa filha no colo até os trilhos e vi o trem completamente cheio de gente dentro, fora, em cima. Eu abri caminho pela multidão até entrar no trem, e sentei num canto do vagão de carga apinhado de gente. E a próxima coisa que lembro desse dia é de acordar com o sol no chão do campo de refugiados, sem minha filha. Mas eu te prometo, minha filha, eu vou te achar, eu vou caminhar pelo mundo inteiro, até que os meus pés fiquem gastos, até que o mundo acabe. Mesmo que demore 100 anos, mesmo que demore 1000, eu não vou parar, nem pra morrer, Sakina, eu prometo.

16

BANHO DA MULHER DE BURCA

*Uma mulher de burca, a mesma que, antes, morreu por duas vezes,
despe-se e toma banho em uma poça formada pela chuva.*

17

1ª ITERAÇÃO

ATRIZ QUE FAZ A MULHER INSONE — Escuro. Nenhuma janela aberta. Nada de sol. Cheiro de pó. Você entra num lugar como esse e logo sente uma ausência. Estéril e cinza. Agora, já não tem mais ninguém aqui. Oi?

MULHER INSONE — Foi o amor, o amor matou essa aqui. É sempre isso. As pessoas são tão frágeis. Ela não aguentou nem um dia.

PENÉLOPE — Leva tudo. Só me deixa aqui. Não toca em mim. Pensando bem, não toca em nada, vai embora!

MULHER INSONE — Calma... Eu só vim ver se estava tudo bem.

PENÉLOPE — Tá tudo bem, vai embora.

MULHER INSONE — Eu chamei, mas ninguém atendeu.

PENÉLOPE — Daí você arrombou a porta?

MULHER INSONE — Estava aberta.

PENÉLOPE — Mesmo assim! Só porque a porta estava aberta você achou que podia ir entrando???

MULHER INSONE — Eu estava preocupada.

PENÉLOPE — Quer dizer que quando você vê uma porta aberta vai logo entrando? É assim?

MULHER INSONE — Eu achei que você talvez...

PENÉLOPE — Olha, uma porta aberta, entra ali, olha outra, e outra ali, vai, entra lá. Olha! Uma janela aberta, por que você não pula e me deixa logo em paz?

MULHER INSONE — Eu... Essa noite, eu...

PENÉLOPE — Você tá com pena de mim?

MULHER INSONE — Não, não é isso, é que...

PENÉLOPE — Para!! Por que? Fala? Por que você acha que pode sentir pena de mim? Quem você pensa que é?

MULHER INSONE — Ninguém, eu só estava acordada enquanto você...

PENÉLOPE — Ah sim! Você invade o meu apartamento e me encontra no chão, sozinha, e então você pensa “coitada”, não aguentou, aí pensa que foi por causa da solidão, conclui que, na certa, eu fui abandonada e não pude com isso e me matei, não é? Aí você sente pena de mim, mas no fundo, você sente uma certa alegria por ver que existem pessoas ainda mais miseráveis do que você, não é? Diz que eu tô errada.

MULHER INSONE — Certo, desculpa.

PENÉLOPE — O que foi mesmo que você veio fazer aqui? Espera. Fala.

MULHER INSONE — Eu ouvi você essa noite, e de manhã estava um silêncio... Eu fiquei preocupada e vim ver se estava tudo bem, foi só isso.

PENÉLOPE — Ah, você me ouviu, foi?

MULHER INSONE — Sim. Desculpa.

PENÉLOPE — Não, tudo bem. Ouviu o que?

MULHER INSONE — Você andando pela casa, arrastando os móveis e dizendo coisas que eu não entendia. Noite difícil?

PENÉLOPE — É... Noite difícil.

MULHER INSONE — É.

PENÉLOPE — É... Por que você não veio antes?

MULHER INSONE — Antes?

PENÉLOPE — É, antes. Se eu fosse mesmo fazer, no meio da noite, se você tivesse vindo aquela hora poderia ter me salvado, eu gritaria com você, a gente, depois, conversaria, e então eu desistiria. Mas você só veio agora. Agora que eu já morri e estou deitada numa poça de vômito no meio da minha cozinha, por que? Por que agora? Pra me ver morta? Pra chorar por mim? Que mórbido...

MULHER INSONE — Eu não quis atrapalhar.

PENÉLOPE — Sei. Agora, será que você pode me deixar um pouco sozinha? Eu tive uma noite difícil e preciso descansar.

MULHER INSONE — Tudo bem.

PENÉLOPE — Eu aviso você se precisar de alguém pra encontrar meu corpo amanhã de manhã. Agora vai embora.

MULHER INSONE — Certo, já vou.

PENÉLOPE — Vai logo.

MULHER INSONE — Não precisa gritar.

PENÉLOPE — Sai daqui, que essa cena acabou!

18 TRÂMITES

SAM — Eu não sei exatamente como fazer isso. Peguei tudo o que pudesse servir, até uma foto de quando eu era pequeno. Pensando bem, agora, eu não sei como a foto poderia servir pra alguma coisa... Tenho umas cinco declarações, certidões, cópias de todo tipo. Engraçado como eu já nem pensava tanto nele.

Raphaela — Oi?

SAM — Sim?

RAPHAELA — O senhor falou comigo?

SAM — Não, a senhora falou comigo.

RAPHAELA — Senhorita.

SAM — Como?

RAPHAELA — Senhorita, eu estou noiva.

SAM — Ah.

RAPHAELA — Desculpe, eu achei que o senhor estivesse falando comigo.

SAM — Eu estava pensando.

RAPHAELA — Ah.

SAM — Eu estou esperando meu pai.

RAPHAELA — Ele vem visitar o senhor?

Silêncio

SAM — Aquele velho desgraçado... Desculpa.

RAPHAELA — Tudo bem. Eu entendo. Você está passando por um momento difícil.

SAM — É.

Silêncio.

RAPHAELA — Eu estou indo encontrar meu noivo.

SAM — Parabéns.

RAPHAELA — O nome dele é Carlos. Ele é um soldado.

SAM — E onde ele está?

RAPHAELA — Na guerra.

SAM — Qual?

RAPHAELA — Eu não sei.

SAM — Mas de qual lado?

RAPHAELA — Do nosso... Acho...

SAM — Moça, agora, no mundo, existem, pelo menos vinte guerras acontecendo. Em vinte lugares diferentes do mundo tem grandes quantidades de pessoas matando umas as outras. O seu soldado pode estar em qualquer um desses lugares. Existem quarenta lados, e eu não sei qual é o nosso. Como você vai encontrar o seu noivo?

RAPHAELA — Eu não sei. Talvez eu precise andar o mundo inteiro e perguntar a cada homem com um fuzil se o nome dele é Carlos e se ele me ama e quer casar comigo...

SAM — Desculpe.

RAPHAELA — Não, porque você não entende. Porque você não sabe o que é um dia abrir uma carta e ler ali tudo o que você sempre quis que alguém escrevesse pra você. O senhor não sabe o que é amar alguém sem saber onde ele está ou mesmo se ele está vivo. Então, eu sinto muito pelo seu pai, mas o senhor é um idiota.

PENÉLOPE — Em que rochedo você terá batido? Em que mar? Você ain-

da volta? Eu ainda estou aqui.

ITINERÁRIO 4
PORTO ALEGRE

Na rodoviária de Porto Alegre você pega o metrô até o aeroporto, espera, espera, espera. Ali você vai pegar um Boeing 738 para São Paulo às 18h06. Será que você tem medo de avião?

20 CÃES

SOLDADO 2 — Que vocês tão fazendo?

SOLDADO 1 — nada.

SOLDADO 3 — nada.

SOLDADO 2 — E você, anão?

SOLDADO 4 — Nada.

SOLDADO 4 — Se você quer mesmo saber, eu tô pensando numa coisa que eu sonhei um dia desses. Eu estou parado no centro de uma praça, tem uma neblina, só que não é neblina, é areia, parece que eu tô no meio de uma tempestade de areia. Perto de mim tem dois cachorros enormes se matando, rolando no chão, ensanguentados. Em volta, por todo lado, uns homens de roupas brancas e pele escura batem palmas enquanto os cães se estraçalham. Eu acho que são dois cães, mas não tenho certeza e então eu olho mais perto e vejo que são dois meninos cobertos de sangue batendo um no outro até a morte. Então um daqueles homens coloca a mão no meu ombro e começa a me explicar que esses cães são violentos e que se eles não lutarem tem que ser mortos, porque não servem pra mais nada. Ele fala mas eu não entendo nada, porque ele fala em outra língua que eu não conheço. Eu pisco e esse homem morreu, tá deitado nos meus pés com um buraco na cabeça e na minha mão direita tem uma pistola fumegando... Só que eu sou canhoto...

SOLDADO 2 — Quer dizer que você é um poeta?

SOLDADO 3 — Eu gostei.

SOLDADO 2 — Pois outro dia eu sonhei com uma bunda. No início ela tava longe, daí foi se aproximando, se aproximando, ficando maior,

maior, maior, até que ela ficou imensa, uma bunda imensa esmagando a minha cara, e eu não conseguia mais respirar, então comecei a gritar: Rafaela!

SOLDADO 3 — Ei! Como é que é? Esse nome aí dessa mulher que você sonhou?

SOLDADO 2 — Ra-fa-ela. Rafaela eu te amo. Eu te amo perdidamente, eu sei que é estranho pra você, mas eu sou um psicopata e te vi andando de bicicleta de vestidinho amarelo, sem calcinha, e fiquei tarado por você...

SOLDADO 3 — Filho da puta, você leu a minha carta? Imbecil! Agora você vai morrer.

SOLDADO 1 — Ah, olha aí, agora vocês vão ter que brigar, a gente assiste daqui.

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Vamos queridos! Vamos, não parem, eu quero ver esses movimentos, eu quero grande! Bonito! Vamos.

FOTÓGRAFO DE GUERRA — *Stop!* Para! Repete esse movimento, grande!

UMA ATRIZ — Essa é uma cena de luta. Ninguém acredita em uma cena de luta. É ingênuo de mais, todo mundo vê luta de verdade na televisão, sangue de verdade. De verdade! Por isso você precisa ser *fake!* Totalmente *fake.* É estar tão completamente afastado da realidade que as pessoas possam chegar a acreditar naquilo sem pensar, por exemplo, em como seria se estivessem aqui duas pessoas se matando de verdade por conta de um motivo absolutamente fútil.

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Não! Vocês estão pensando o quê? Vocês só repetem, ninguém propõe nada novo, é só as mesmas coisas de novo e de novo. Vocês vão fazer alguma coisa diferente? Fica quieto! Não, não vão. É tudo igual, NÃO FUNCIONA! Queridos, olhem pra mim, não funciona! Não tem ação. Nada acontece, é tudo lento, e eu preciso de ação. Estar perto o suficiente, dentro. Não vi nada ainda, eu venho até aqui e nada acontece. Eu levanto cedo e saio pra ver se acontece algo na rua, mas não tem nada diferente... Ninguém propõe nada. Só as mesmas coisas outra e outra vez, de um lado e de outro.

SOLDADO 3 — Ação?

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Sim.

SOLDADO 1 — Ação mesmo?

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Sim.

SOLDADO 2 — A coisa, mesmo?

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Isso, imbecil, eu quero ganhar um prêmio!

REFÉM — São duas da tarde, estou morrendo de calor, eu gosto de pimenta, eu deveria ter nascido em algum lugar onde se come muita pimenta, eu ainda quero passar um tempo na cidade do México não me importa que ela seja a cidade mais caótica do mundo, quero muito ir pra lá, sentir o cheiro e a poeira, preciso tirar a poeira das tomadas aqui, como pode um lugar tão pequeno sujar tão depressa é inacreditável.

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Agora, vamos, atira, mata, mata essa vagabunda!

21

2ª ITERAÇÃO

PENÉLOPE — De novo?

MULHER INSONE — O que?

PENÉLOPE — Qual é o problema com você?

MULHER INSONE — É que eu não durmo... Muito.

PENÉLOPE — Não é disso que eu estou falando.

MULHER INSONE — Não? Então o que?

PENÉLOPE — Desculpa, mas isso já aconteceu.

MULHER INSONE — Não, agora é diferente.

PENÉLOPE — É? Por que?

MULHER INSONE — Porque já aconteceu. Então é outra coisa. Entende?

PENÉLOPE — Não, não entendo. Não entendo o que você faz aqui, de novo.

MULHER INSONE — A gente precisa conversar.

PENÉLOPE — Ah é?? Precisa?

MULHER INSONE — Sim.

PENÉLOPE — Sobre o que?

MULHER INSONE — Qualquer coisa, a gente precisa conversar. A gente precisa uma da outra, se não...

PENÉLOPE — Não, não mesmo. É você que precisa, eu não, eu preciso é que você vá embora. Eu não queria ter que chegar a esse ponto, mas não tem lugar pra você, entende? Aqui, nessa coisa toda, não tem lugar, como eu posso explicar? Tem quem vai embora. Tem quem fica esperando pela volta do que foi embora. Entende? E tem você fora disso.

MULHER INSONE — Mas você está aqui, agora, falando comigo. Se eu não estivesse aqui você estaria o tempo todo sozinha, falando sozinha, nem você aguentaria mais a própria voz.

PENÉLOPE — Não tem papel pra você.

MULHER INSONE — Seria chato.

PENÉLOPE — Ah, você acha que eu não seguro?

MULHER INSONE — Não é isso.

PENÉLOPE — Pode dizer, você acha que eu não dou conta de fazer isso sozinha? É isso? E ser interessante? E manter a atenção?

MULHER INSONE — Não é isso, não é com você, é a forma, não funciona, entende? Você, sozinha aqui nessa casa, esperando por esse homem e falando pras paredes, não é nada concreto...

PENÉLOPE — Mas com você, tudo bem, né? Aí funciona?

MULHER INSONE — Sim, funciona. E se não funcionar, pelo menos é melhor do que você parada no meio da sala no escuro dizendo um monte de coisas que ninguém vai ouvir.

PENÉLOPE — Ah, e você entende muito disso.

MULHER INSONE — Sim, eu entendo.

PENÉLOPE — Desculpa, mas eu me perdi, eu não sei mais do que você está falando.

MULHER INSONE — De esperar, eu entendo de esperar.

PENÉLOPE — Ah, isso...

MULHER INSONE — Sim. Isso. Eu entendo disso porque é o que eu faço, eu espero também. Eu esperei também por um homem que tinha partido, e ele não veio, você não é a única, aliás, essa história de você ser abandonada e ficar triste e querer se matar, isso não é nada de novo,

né? Depois eu esperei por um filho, que veio; e depois foi embora e eu esperei por ele de novo, e ele também não voltou e quando voltou já era só um papel escrito com a letra dele. Todos os dias eu espero que alguma aconteça e quando nada acontece eu espero finalmente pela morte, mas ela não vem. Então, aquela noite, eu esperei por você e por isso eu vim na manhã seguinte, paciência.

PENÉLOPE — Nossa, você é tão triste.

MULHER INSONE — Viu como é bom a gente conversar.

PENÉLOPE — Eu não disse que é bom, eu disse que é triste.

MULHER INSONE — De qualquer forma, a gente se revela nesse diálogo aqui, a gente não sabia que você estava esperando por ele, parecia que você só queria morrer. Mas agora a gente sabe.

PENÉLOPE — Nada disso. Você não pode pensar que sabe alguma coisa de mim, que me entende! Porque o que eu estou mesmo fazendo é indo embora, devagar e dolorosamente, mas indo embora. Não pensa que eu vou ficar aqui e esperar, esperar. Eu não vou ser essa aí que espera até o fim. Adeus.

22

TEMPESTADE

SIRAJUDDIN — Sakina? Sakina? Eu ainda estou aqui, eu não parei. Quanto tempo faz? Quantos anos você tem agora? Eu, infelizmente, esqueci de pensar no tempo e não sei bem quanto se passou desde que eu te perdi na poeira daquele dia. 10 anos? 20? 30? 30? Mais de 30? 100? Que dia é hoje? Passou um tempo, não? Você acha que vai me reconhecer? Sakina?

23

MORTALHA PARA ULISSES 2

PENÉLOPE — “Ficamos sentados os dois assim trocando palavras dolorosas, de um lado eu, segurando minha arma por cima do sangue, do outro lado, o vulto do meu companheiro, a falar”.

MULHER INSONE — Ela não está nada bem, a gente percebe de cara, os olhos estão fundos, isso é de chorar... Quero dizer, acho que ela anda chorando. E isso de ficar arrastando os móveis, mudar as coisas

de lugar, achar que talvez essa mesa fique melhor ali, ou simplesmente querer mudar tudo de lugar, ou até querer quebrar a casa inteira. E depois decidir dar um fim em tudo, aí beber pra tomar coragem e beber demais e dormir, aí acordar se sentindo um fracasso. Eu sei...

24

FOTO FAMOSA

FOTÓGRAFO DE GUERRA — Existe uma foto, premiada e tudo mais. No primeiro plano tem uma criança de uns dois anos muito magra, muito magra mesmo, dá pra contar os ossos. Atrás dela tem um abutre. O abutre olha pra criança, esperando. Os abutres não comem nada vivo. Eles esperam. Eles esperam as crianças morrerem de fome no Sudão. A criança tenta se levantar, não pode. O abutre espera pela criança, e o homem com atrás da câmera olha, ele espera. Como o abutre. Então faz a foto. Espanta o abutre, senta, acende um cigarro, chora. Ganha um prêmio, e se mata. Três meses depois de fotografar aquela menina que de tanta fome não podia com o peso da própria cabeça, ele coloca uma mangueira verde no escape de sua velha picape vermelha e respira gás até parar. Ele escreveu “a dor da vida supera a alegria a tal ponto que a alegria já não existe”.

25

CHEIRO

SAM — Você sente esse cheiro? Senhor, o senhor sente esse cheiro. É ele. É o meu pai.

SAM — É ele, sente o cheiro. É o meu pai se aproximando em alta velocidade naquele trem. Olha lá, olha e você vai ver o sorriso dele. Ele tá gritando o meu nome, ele quer que eu suba no trem, ele quer que eu vá junto com ele pro inferno!

SAM — Olha! Sente o cheiro! É o meu pai.

RAPHAELA — *Fa la ninna, fa la nanna*
Nella braccia della mamma
Fa la ninna bel bambin,
Fa la nanna bambin bel,
Fa la ninna, fa la nanna
Nella Braccia della mamma.
Fa la ninna, fa la nanna

Nella braccia della mamma.

SAM — Pai!?

RAPHAELA — *Fa la ninna bel bambin,
Fa la nanna bambin bel.*

SAM — É ele!

RAPHAELA — *Fa la ninna, fa la nanna
Nella Braccia della mamma.*

SAM — Pai? É o meu pai! Ele chegou. Ele foi jogado daquele trem negro que passou antes. O maquinista era o diabo vestindo um chapéu amarelo de fogo. O diabo chutou ele de volta pra cá e agora eu tenho que resolver isso. Velho desgraçado! Alguém me ajuda? É pesado pra mim.

RAPHAELA — Eu não consigo.

SAM — Por favor, é o meu pai.

RAPHAELA — Eu não consigo.

SAM — Me ajuda? Chama alguém! Por favor, avisa que o meu pai está aqui e que ele morreu, liga pra alguém, qualquer pessoa, liga e fala que ele morreu.

RAPHAELA — Eu não consigo.

SAM — Nem eu.

SOLDADO — A verdade é que parece com... Eles dizem que você precisa parar de sentir e seguir em frente. A gente passava *Vick* embaixo do nariz e entrava lá pra recolher os pedaços dos outros caras. Parece que você tá entrando num pote de gelatina fedorenta e vermelha, mas a gente ia lá. Às vezes, no meio da confusão toda, você ouvia alguém pedindo pelo amor de deus pra morrer. O pior era quando o cara não morria, aí você tinha que recolher o que sobrava dele e levar tudo junto pro caminhão onde os médicos iam tentar costurar o infeliz e mandar ele de volta pra casa pra pedir dinheiro com uma canequinha de ferro na estação do trem. Pior ainda era nas trincheiras, quando o cara morria do seu lado, ou em cima de você, aí não tinha o que fazer, você só vê aquela coisinha preta voando na direção do buraco em que você tá enfiado, não dá pra correr... Você enfia a cabeça na terra e reza pra deus existir e estar do seu lado, e aí pá! Você sente o chão subir e descer e pensa que morreu. Daí descobre que tá vivo, mas não sente as pernas, aí você reza pra deus existir e pra suas pernas ainda estarem

presas no seu corpo. E você decide que a melhor coisa a fazer é se fingir de morto e esperar. Aí vem o cheiro, o cheiro brotando de cada ferida aberta e atingindo o seu nariz como se o você tivesse comendo a mulher do Mike Tyson e ele descobrisse e viesse e te desse um soco com toda a raiva. Daí você desmaia.

26
CARLOS?

RAPHAELA — Acontece que eu recebi uma carta. De um homem que me ama. Eu nem pude acreditar quando li aquilo. Eu estou aqui atrás dessa pessoa que me escreveu. Carlos? Ele é um soldado. Ele está aqui defendendo... Moço?

SOLDADO 2 — Senhora?

RAPHAELA — Senhorita.

SOLDADO 2 — Como?

RAPHAELA — É que eu estou noiva.

SOLDADO 2 — Ah.

RAPHAELA — Carlos.

SOLDADO 2 — Quem?

RAPHAELA — O meu noivo, o nome dele é Carlos.

SOLDADO 2 — Ah.

RAPHAELA — Ele é um soldado. Ele está aqui defendendo... O que é mesmo que vocês estão aqui defendendo?

SOLDADO 2 — Não é simples, Nem é uma coisa só, é mais como um complexo de pequenas coisas.

RAPHAELA — Carlos? “Querida Rafaela, Eu te amo. Eu sei que é estranho pra você. Mas eu te amo e precisava dizer isso logo antes que meu peito arrebentasse com essa frase: EU TE AMO PERDIDAMENTE”. Você que escreveu?

SOLDADO 3 — Quem é você?

RAPHAELA — “Mas eu te vi, e depois de te ver nunca mais vi nada, fiquei cego com tanta luz que vem de você”, é a minha parte preferida, eu acho tão bonito isso de você ter ficado cego. Claro, como uma

metáfora.

SOLDADO 3 — Como você sabe?

RAPHAELA — Carlos, sou eu.

SOLDADO 3 — Eu? Quem?

RAPHAELA — Eu. Raphaela.

SOLDADO 3 — Moça... Eu reconheço as palavras porque eu fico repetindo diferentes combinações dessas frases na minha cabeça todo o tempo.

RAPHAELA — Carlos!

SOLDADO 3 — Acontece...

RAPHAELA — Eu nem acredito que te encontrei.

SOLDADO 3 — Acontece que...

RAPHAELA — Eu andei o mundo todo pra te achar.

SOLDADO 3 — Eu...

RAPHAELA — Eu passei por tanta coisa, eu vi tanta coisa.

SOLDADO 3 — Eu não...

RAPHAELA — Por que mesmo vocês estão aqui?

SOLDADO 3 — É complicado...

RAPHAELA — Não importa...

SOLDADO 3 — Não é uma coisa só...

RAPHAELA — Tá.

SOLDADO 3 — É um complexo de pequenas coisas.

RAPHAELA — Entendi.

SOLDADO 3 — Que precisam ser defendidas.

RAPHAELA — Ok.

SOLDADO 3 — Eu não reconheço você.

RAPHAELA — Sei. O que?!

SOLDADO 3 — Eu não sei quem você é.

RAPHAELA — Carlos, sou eu...

SOLDADO 3 — Não, não é.

RAPHAELA — Mas você não me conhece.

SOLDADO 3 — Você não me conhece, eu conheço você, eu te reconheceria se fosse você.

RAPHAELA — Tem certeza?

SOLDADO 3 — Não chora.

RAPHAELA — Desculpa.

SOLDADO 3 — Tudo bem.

RAPHAELA — É que...

SOLDADO 3 — Eu sei. Desculpa.

RAPHAELA — Tudo bem.

27

PARÁBASE

ATOR QUE TEM FEITO O FOTÓGRAFO DE GUERRA — Eu era o Fotógrafo de Guerra. Ele agora se tornou impossível. Ele caminha até uma fogueira que tem ali, segura a câmera pela alça e leva até o fogo. Eu parei. Ele continua ali, iluminado pelas chamas, com a câmera derretendo devagar e ele olhando. Ele desistiu de ser o Fotógrafo de Guerra e eu agora fiquei sem personagem. Pra mim acabou. Somos todos, de alguma maneira, exploradores da morte. Sabe essa sensação que você tem quando olha o jornal e não entende muito bem, e você se pergunta, eu vivo nesse lugar, enquanto as imagens vão passando ali, helicóptero, incêndio, soldado, carro de corrida, sem fazer sentido. Tem uma coisa que o homem que espera o cadáver do pai fala que eu gosto, aliás, o nome dele é Sam... O meu é Luan, eu era o Fotógrafo de Guerra. O que ele diz, o Sam, é que no mundo tem umas vinte guerras acontecendo, em vinte lugares diferentes do planeta tem gente se matando, são quarenta lados, e eu não sei qual é o nosso... E futebol, peixes, carne assada, tanque, bomba, míssil e você na frente da TV se perguntando como foi que veio parar aqui. É por isso, é por causa dessa sensação de falta de lugar frente à imensa confusão do mundo que a gente resolveu fazer isso aqui, uma peça de teatro, que é uma bobagem e não vai resolver nada, mas é o que a gente conseguiu...

MÃE - Filho?

FILHO - Mãe?

28
CICATRIZES

FILHO — Mãe. Eu tava com saudade.

FILHO — Eu, eu tava... Mãe, eu...

MÃE — Você sujou o chão.

FILHO — Desculpa.

MÃE — Você está sujo.

FILHO — Eu vou embora.

MÃE — Fica.

FILHO — Tudo bem.

MÃE — Eu lembro de quando você era bem pequeno, e antes, quando você ainda nem existia e era só uma coisa que eu queria que acontecesse. E você veio e te tiraram de dentro de mim e te cortaram. Eu lembro quando você tropeçou no corredor e caiu e bateu bem aqui, eu lembro do sangue. Lembro de quando você correu pra me abraçar e uma moto passou por cima de você e eu achei que você tivesse morrido, e o cheiro de queimado que eu sentia vinha era a sua perna que tinha raspado no cano da moto. Eu lembro de quando você chutou uma caixa de ferro na rua e a sola do seu pé ficou pendurada e você veio chorando pra casa, pulando numa perna só, pingando sangue pela rua...

FILHO — Não era eu.

MÃE — E quando ligaram da escola dizendo que você tinha rebentado o dedo numa trave de ferro, eu lembro do seu dedinho despedaçado, você era desse tamanho, tentando não chorar.

FILHO — Você está confundindo, de novo.

MÃE — Filho, pega o regador pra mãe.

FILHO — Pego.

MÃE — Filho! O regador!

FILHO — Já vai.

MÃE — E um dia eu recebi uma carta junto com uma caixinha de madeira. E na carta você dizia que tinham te matado. E que não tinha nada depois, nem antes e nem nunca.

MÃE — E agora eu estou aqui, um fantasma no meio do caminho. As coisas pararam de fazer sentido faz um tempo, às vezes eu acho que morri e que isso aqui é o nada que tem depois, mas aí eu lembro que só fiquei louca.

ITINERÁRIO 5
SÃO PAULO

Uma hora e quarenta depois você está lá. São Paulo. Você vai pegar o próximo voo para Abhu Dhabi, às 22h20, um Airbus 340. Durante as duas horas e meia faltando para o voo você vai andar de um lado pro outro na área de embarque internacional, compre um chocolate. Você não está aqui. Este lugar, a claridade, os cafés, as lojas, o cheiro de perfume, este lugar não existe.

29

ADHAN

MUZZEIM — Allāhu akbar, Allāhu akbar
Ash-hadu an-lā ilāha illā Allāh
Ash-hadu anna Muhammadan-Rasulullāh
Ash-hadu anna Aliyan wali-ullāh
Hayya ‘ala s-salāt
Hayya ‘ala l-falāh
Hayya ‘ala khayr al ‘amal
Allāhu akbar
Lā ilāha illā-Allāh

30

CHEIRO 2

UMA ATRIZ - *(na porta do inferno de Dante)* “Deixai toda esperança, ó vós que entráis!”

SOLDADO - Aí você acorda no meio da confusão, olha em volta e não reconhece o lugar, nem as pedras nem nenhum pedaço das pessoas aos pedaços que gritam em volta. Mas o cheiro, você sabe que cheiro é esse.

ITINERÁRIO 6
MAR

Você acorda assustado. A aeronave agora está um caos, a tripulação andando dum lado pro outro, tentando fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas não adianta, nada do que eles façam pode atacar a raiz do problema que você agora viu, acabou de ver que é o motor da asa direita pegando fogo porque foi atingido por um raio no meio de uma tempestade maciça sobre o mar exatamente no meio do nada.

SOLDADO - Você levanta, tonto, e sai andando sem saber pra onde. Você não enxerga direito, tenta distinguir os sons em volta, mas são muitos, línguas que você não conhece, automóveis, tiros, explosões, latidos, gritos, centenas de milhares de auto falantes. O cheiro. Você não está aqui. Este lugar não existe. Você não existe mais.

PROFESSOR —

1: VERÃO

2: PESHAWAR-PAQUISTÃO

3: 30 ANOS ATRÁS

4: PÁTIO DA ESCOLA

5: NÃO POSSO FALAR

6: SILÊNCIO

7: OLHOS FECHADOS

8: SOM DAS PEDRAS

9: ELA CHORA

10: CHEIRO DE SANGUE

11: EU AMAVA SAKINA

Longe daqui, 15000 quilômetros daqui, 30 anos atrás. Quando eu tinha 11 anos. Estou apavorado. Acho que vou desmaiar.

IT6
MAR

Você desmaia mas logo volta a si, e quando volta sente como se estivesse flutuando.

PROFESSOR - Olho fixamente pro centro, no lugar pra onde as pedras todas voam está um pano branco e debaixo dele tem uma pessoa. Uma menina, o nome dela é Sakina, ela tem 11 anos, como eu. Agora ela já morreu. Mas as pedras continuam. Todos precisam atingir o alvo. Todos tomam parte. Todos precisam sentir que mataram ela. Eles gritam. É horrível como eles gritam. Mão fria. Pedra. Eu tenho uma pedra na mão. Eu tenho uma pedra na mão. Eu tenho uma pedra na mão. EU

MATEI. Eu também matei ela.

IT6
MAR

Você vê as pessoas gritando mas não ouve, você acha que morreu e agora é a sua alma deixando o seu corpo mas não, é só a sensação de falta de gravidade causada pelo mergulho vertiginoso do avião em direção ao mar, e o silêncio significa apenas que você ficou meio surdo por causa da explosão que antes te fez desmaiar.

ATOR QUE TEM FEITO O PROFESSOR — Olha, morreu. Ele acaba de levar um tiro e eu nem sei de onde veio. E agora estou eu parado aqui, sem ter o que fazer nessa peça.

MULHER INSONE — Estou no centro de uma praça opaca, como se tivesse neblina, mas é areia, areia que levantava do chão. Há dois cachorros enormes se matando no centro da praça. Em volta, por todo lado, homens gritando e batendo palmas enquanto os cães se destroem um ao outro rolando pelo chão, ensanguentados.

IT6
MAR

Você não ouve mais, mas o comandante está agora rezando no *intercom*, ele sente muito. Você sente um impacto que não se parece com nada que tenha vivido antes e que não poderia descrever, você sente, fecha os olhos, e morre.

FILHO - Mãe?

MULHER INSONE — A poeira é tão densa que eu mal posso dizer se são mesmo cães. Talvez sejam dois meninos, ou dois homens muito velhos. Eu aperto os olhos tentando entender, quando um daqueles homens surge do meu lado, ele fala comigo e eu sigo olhando pro centro da praça, pra nuvem de poeira e as duas... Coisas... No centro tentando acabar uma com a outra...

FILHO - Mãe?

PENÉLOPE - Você tá falando comigo?

MULHER INSONE — É outra cena.

IT6
MAR

Mas antes de morrer, ou enquanto morre e antes de morrer completamente.

PENÉLOPE - E você tá falando comigo?

MULHER INSONE — Eu estou te contando uma coisa. É mais como um pequeno monólogo que você vai ouvindo até entender.

PENÉLOPE - Não precisa.

MULHER INSONE — Mas é verdade.

PENÉLOPE - Isso já aconteceu.

MULHER INSONE — Não, agora é diferente.

PENÉLOPE - Isso também já aconteceu.

IT6
MAR

Mas antes de morrer, ou enquanto morre e antes de morrer completamente, você ainda abre debilmente os olhos e vê uma última coisa.

PENÉLOPE - Chega, eu não quero mais fazer parte dessa estrutura que fica se repetindo.

IT6
MAR

Mas antes de morrer, ou enquanto morre e antes de morrer completamente, você ainda abre debilmente os olhos e vê uma última coisa, pela janela você vê os peixes do lado de fora, nadando na escuridão iluminados pelo fogo que queima, entre outras coisas, você.

PENÉLOPE — ACABOU! Cade você?

MULHER INSONE — Eu?

PENÉLOPE — Cala a boca! Onde você está agora? Em que fim de mundo? Eu tenho um recado: NÃO VOLTE. Por favor, fique aí. Porque se você voltar, vai achar tudo vazio. Pior, vai estar tudo vazio e no centro da sala vai ter uma mulher que você nem conhece esperando por você, simplesmente porque ela não tem mais o que fazer. Por isso eu sugiro que você...

MULHER INSONE — Você não deveria falar assim de mim, como se eu não estivesse aqui.

PENÉLOPE — Você não está aqui. Esse lugar está vazio. Então se você pudesse calar a boca e aceitar a dura realidade de que você nem existe, eu agradeceria e poderia concluir o meu raciocínio. Eu sugiro que você morra no caminho.

31 ÚLTIMO VAGÃO

SAM — Está escuro porque já é madrugada e o lugar já fechou. O cara me deixou ficar sentado aqui porque teve pena de mim. Ele não veio. O último trem passou faz algum tempo, e ele não veio. Ainda está chovendo, a cidade lá fora está embaixo d'água. Não tem táxi em lugar nenhum. A única pessoa que anda na rua é um velho sujo caindo aos pedaços, carregando um carrinho de mercado cheio de plantas dentro. Ele é pai de alguém, e é um filho da puta.

RAPHAELA — Oi! Eu sabia. Eu sempre soube que não era pra mim.

SAM — Como?

RAPHAELA — Pelo endereço. Sempre acontece.

RAPHAELA — A carta. É o carteiro, sabe? Ele confunde. Ele lê 201 onde está 102. Onde está escrito "Prazeres" ele lê "Rapazes". Tem um nome isso, uma... Condição... Tem um nome, começa com "d", sabe?

SAM — Não.

RAPHAELA — Ele já entregou todo o tipo de coisas estranhas pra mim. Um balão de gás, um martelo, um tijolo, um limão. Uma vez ele trouxe um gato persa. Eu achava que ele gostava de mim e por isso ficava trazendo aqueles presentes estranhos. Quando era dia de correio, eu me arrumava toda e esperava na porta com uma limonada pra ele. Até que uns homens vieram pegar o Sr. Gandhi que, eu descobri, se chamava Gipsy pertencia a uma menininha de 7 anos dum bairro do outro lado da cidade.

SAM — O gato?

RAPHAELA — Sim.

SAM — Sr. Gandhi?

RAPHAELA — É... Engraçado né? Eu achava ele parecido, feio. Mas acabei gostando, ele era um símbolo do meu amor pelo carteiro... É claro que, quando levaram o gato, eu entendi tudo.

SAM — E a carta?

RAPHAELA — Ah, a carta. Eu quis que não fosse engano daquela vez.

SAM — Sei.

RAPHAELA — Você já esteve na situação de ouvir tudo o que sempre quis ouvir?

SAM — Não.

RAPHAELA — Por mais que você saiba que é mentira, você quer acreditar, e então acredita. É só isso.

SAM — Tudo bem.

RAPHAELA — Entende?

SAM — Tudo bem.

RAPHAELA — Eu estou indo.

SAM — Fique, por favor.

RAPHAELA — Tudo bem. E o seu pai?

SAM — Faz algum tempo, não sei por que, você me beijou, bem aqui, eu estava sentado aí onde você está sentada agora. Aí você foi embora, e eu, por um instante, esqueci o que tinha me acontecido, sentei aqui e esperei por você. Eu desejei que não desse certo lá com o seu soldado, desculpe, eu queria que você voltasse. O que eu queria dizer... Eu queria perguntar se...

32 ANTIPENÉLOPE

PENÉLOPE — Fim, é assim que acaba: um avião voando sobe o mar, depois nada. Desapareceu... O avião, essa coisa que pesa 300 toneladas, de uma hora pra outra, desapareceu... Como é que alguém perde um avião? Foi a tempestade, mas pode ter sido um míssil, ou terroristas, ou talvez, simplesmente, o piloto estivesse muito triste e tenha decidido dar um fim na própria vida e achou que a melhor forma era mergulhar no mar com o boeing cheio de gente... Não tem como saber. O destino... E agora você está aí, em algum lugar entre a o Japão e a Índia, no fundo do mar, mergulhado na escuridão gelada onde os peixes brilham e tudo é tão diferente que até parece outro planeta. O oceano inteiro uma mortalha de onze mil metros de profundidade. Adeus.

O FUNERAL DE SIRAJUDDIN

Sirajuddin agora está morto. De toda parte surgem homens e mulheres trazendo presentes para sua passagem. Mapa, punhal, lampião, tudo o que possa servir na última viagem. É um rito. Uma despedida. O fim da longa caminhada. Sirajuddin tomará o barco que conduz ao mundo dos mortos, não o inferno, mas o mundo. A palavra mundo vem do latim; quer dizer limpo, elegante, organizado, habitável, o contrário de imundo. E o barco é o único jeito de atravessar o rio que separa o mundo dos vivos do desse aqui. Hades é o nome desse lugar, desse mundo, desse lugar limpo e elegante, habitável para os mortos, onde nenhum vivo pode chegar, com exceção de alguns heróis, mas esses desafiam tantas leis naturais que não nos surpreende em nada que transponham impunes a fronteira entre a vida e a morte. O fantástico mundo dos mortos, que mais se assemelha a um videoclipe da Madonna, mas Sirajuddin não perceberá porque não conhece a Madonna e nem nunca viu um videoclipe de quem quer que seja.

ITINERÁRIO 7
MORTE

Ainda, uma última coisa passa rapidamente pela sua cabeça: uma sensação de alívio frente à beleza aterradora daquela última imagem. Dizem que é tudo o que a gente carrega no fim, a última imagem impressa na retina...

FIM